

Pelejando contra as dificuldades

COQUEIRO E ENTROCAMENTO

Bairros da região metropolitana de Belém. O primeiro pertencente ao município de Ananindeua (Pará), o segundo localizado à saída da cidade de Belém.

Sim, vamos continuando sobre a peleja (luta) de mamãe. Com 13 para 14 anos fui trabalhar nas casa de família (famílias não indígenas) pra poder vestir e calçar. Mamãe me levou pra “boca” (à entrada) do **Coqueiro**, onde morava uma parenta das pessoas que criaram meu avó, foi muito bom! Eu fui colocada para estudar pela senhora e o esposo dela e mais uma irmã da senhora, que me acolheu, fiz a segunda série no colégio Bom Pastor. No domingo eles me levavam pra passear, assim conheci o Bosque “Rodrigues Alves”. Fui ao Círio de N. S. de Nazaré, conheci o Museu Goeldi, fui ao Entroncamento foi quando estava na casa dela que fiz a Primeira Comunhão. Até hoje, tenho a lembrança desse tempo. Nas férias, ela disse, você vai passar as férias na casa do seus pais. Fiquei feliz!

Andei por muitas casas, nem todas boas, mas vida de menina da zona rural é isso. Fui morar com uma madrinha, que me prometeu estudo, mas era promessa falsa. Só trabalho e demais, cuidar de quatro meninos, da casa, e, ainda, carregar 20 a 30 latas de agua por dia, subindo uma escada. Eu fui, não me deu o estudo, de mês em mês me dava um vestido e uma calcinha. Era ela costureira, tinha muito trabalho.

Depois de alguns meses chegou outra senhora, ela era professora e diretora, e me queria pra ela, dizia sempre: esta menina vai ser minha, a madrinha ficava com raiva dela. E mamãe retrucava: “... ela só vai se, se der o estudo pra ela.” Na verdade, essa senhora só via o meu trabalho.

Nessa casa encontrei a felicidade estudava, não lavava. Tomava conta da casa, no dia de lavar a casa e vasculhar, ela mandava outra moça me ajudar, depois de um tempo eu já fazia sozinha, daí me colocam pra estudar, estava a terceira série. A senhora conversou com a minha professora para ver se eu dava conta de fazer as provas da outra série para me adiantar. E assim foi feito, passei nas provas da quarta série. Era feliz, mas infelizmente a minha irmã inventou de casar, e eu tive de vir embora mais com muita conversa ela

dobrou a mamãe. Pelo menos, mamãe prometeu que eu continuaria estudando, mas só ensinavam até a quarta série. Minha mãe então falou com os irmãos e o padre da paróquia e me deixaram estudar. Ela colocou uma banca de comida com mingau e um boteco pra sobreviver, com a graça de Deus comprou o uniforme, sapato, bolsa e relógio, eu nem parecia ser filha de pobre, até roupa de educação física eu tinha. Quando junho chegou me colocou pra dançar quadrilha, foi bom! Consegui passar na quinta série e, ainda fiz seis meses de ginásio (hoje, corresponde ao ensino fundamental).

Consegui trabalhar de dia na casa de uma professora do nosso lugar e, à noite, ensinava os parentes, pessoas adultas, consegui alfabetizar todos os meus alunos foi um sucesso! Eles conseguiram tirar os documentos, a notícia correu longe, eu estava com uns 18 anos. Mas, meus pais me empatarem (impediram) de estudar, pois era à noite e, meus pai dizia que à noite mulher não podia estudar.

Minha vontade era estudar pra poder ajudar meus pais a sobreviver melhor. Mas as dificuldades eram muitas, imaginem que um dia ... chegou um senhor e perguntou para o papai: “essa menina é mesmo tua filha?” Meu pai respondeu que sim e apontou minha mãe, ele não satisfeito, disse: “... essa menina não parece ser filha de Pedro índio.” Pedro índio. quer dizer pobre e preguiçoso. Eram abusados, a gente passa muito preconceito, dói fundo!

E muito mais tenho pra contar, pois muitos consideram que filho de Pedro índio não merece consideração.



JUDITE VITAL DA SILVA